

A FESTA DO MILHO NA ALDEIA PANAMBIZINHO

Nely Aparecida Maciel (FCH/FAED - UFGD)
nelyamaciel@hotmail.com

RESUMO: Neste trabalho, analisa-se a festa do batismo do milho; chamada entre os Kaiowá de *avatikyry*, especificamente, para o caso da aldeia Panambizinho, localizada no distrito de Panambi, em Dourados, Mato Grosso do Sul. Trabalha-se com a etnografia, a oralidade e a memória de alguns Kaiowá atuais e com a literatura sobre o assunto, a exemplo das publicações de Graciela Chamorro realizadas na década de 1990. O propósito é analisar a importância histórica e sociocultural para a unidade dos Kaiowá da aldeia Panambizinho, incluindo-se o significado que os indígenas dão hoje ao ritual. O *avatikyry* é um ritual em que acontece o batismo do milho novo. Todos os anos, de fevereiro a março, quando o milho começa a madurar a festa é realizada. O trabalho tem por objetivo refletir sobre as manifestações religiosas feitas pelos Kaiowá e a organização do local para a realização do ritual. O ritual dura três noites. A sexta-feira é o primeiro dia de festa, e os rituais são religiosos e sagrados. No sábado e no domingo acontece a festa social, dança do *guahu* e *Kotyhu*. De acordo com as falas dos Kaiowá da aldeia Panambizinho o deus Tupã decidiu ir embora da terra recém fundada deixou para os Kaiowá o milho saboró, existe a lei de rezar e fazer a dança do milho, para depois consumi-lo. Assim, fica garantida a duração do próprio milho.

Palavras-chave: Ritual, Memória, Kaiowá.

Neste trabalho, analisa-se a cerimônia do *Avatikyry*, especificamente, para o caso da aldeia Panambizinho, localizada no distrito de Panambi, em Dourados, Mato Grosso do Sul. Trabalha-se com a etnografia, a oralidade e a memória de alguns Kaiowá atuais e com a literatura sobre o assunto, a exemplo das publicações de Graciela Chamorro realizadas na década de 1990. Nem sempre a escrita dá conta de explicar a complexidade das relações indígenas. Para isso, adotar-se-ão os métodos da história oral e da etnografia. Com essa concepção, as observações e anotações feitas durante as pesquisas de campo fizeram-se necessárias para a compreensão da formação e do desenvolvimento dos acontecimentos históricos dos índios Kaiowá da aldeia Panambizinho (MACIEL, 2005, p. 77-78). O propósito é analisar a importância histórica e sociocultural para a unidade dos Kaiowá dessa aldeia, incluindo-se o significado que os indígenas dão hoje à cerimônia. O *avatikyry* é um ritual no qual acontece o batismo do milho novo. Todos os anos, de fevereiro a março, quando o milho começa a madurar a festa é realizada.

Nesse sentido, este trabalho objetiva refletir sobre as manifestações religiosas feitas pelos Kaiowá, como também a organização do local para a realização do ritual e o significado.

A festa dura três dias, mas os preparativos começam semanas antes. O convite para a festa é algo especial, um dos primeiros pontos a serem pensados. Pessoas de outras aldeias são convidadas, assim como pessoas não-índias. Aquele que faz o convite o faz devido ao prestígio que tem diante do convidado. Em março de 2009, na casa do senhor Luís, pude presenciar os preparativos para a festa do *Avatikyry*, na quarta-feira da semana da festa, quando chego à sua casa pela manhã a madeira para preparar o caminho da reza já estava cortada. Senhor Luís prepara o caminho para a reza juntamente com alguns homens da aldeia. Na ocasião, havia também mulheres que organizavam a casa de reza, lavavam roupas e faziam comida para os trabalhadores. Nas palavras de Paulito, escrita por Graciela Chamorro, os bastões da madeira devem ser de cedro, porque isso agrada a *itymbyra itaju*, broto de milho. Às vezes, Paulito se refere aos bastões como *tembeta'y*, planta que produz a resina da qual se faz o adorno labial, utilizado pelos Kaiowá após serem batizados na festa do *Kunumi Pepy* (CHAMORRO, 1996, p. 7). Pergunto ao senhor Luís se a madeira é de cedro. Ele, rapidamente, responde que, atualmente, o cedro está difícil, e por isso tirou a madeira da mata do vizinho e que não é cedro. À tarde, o caminho da reza estava pronto, a casa arrumada.

Homens e mulheres sentam para descansar, tomar tereré, conversar e já combinam os afazeres do outro dia.

Na quinta-feira, um número grande de homens e de mulheres chegam para ajudar no paramento do ritual. Os homens limpam seus *mbaraca* e seus *kurusu*, cruz, enquanto as mulheres se encarregam de fazer o *kagui*, *chicha* de milho, bebida típica dos Kaiowá feita do milho ou de cana-de-açúcar. Para esta festa, as mulheres preparam a *chicha* com milho.

O ritual dura na realidade três noites. A sexta-feira é o primeiro dia de festa, e os rituais são religiosos e sagrados. No sábado e no domingo, acontece a festa social com a dança do *guahu* que, primeiramente, é exclusiva para os homens, depois entram as mulheres adultas. A dança é feita dentro da casa de reza em movimentos circulares, e o *kotyhu*, considerado lúdico, pode ser dançado por toda parte e inventado na hora.

A primeira noite, parte mais sagrada do ritual, inicia com o *jerosy puku* (reza longa). No ritmo dos *mbaraka*, os Kaiowá cantam a história da criação, enquanto executam uma dança circular, com eventuais paradas para o consumo de *kãgui*. Em poucas horas, um estado de êxtase toma conta dos participantes, o qual se segue até as primeiras luzes do dia, quando todos deixam o espaço ritual para o cacique anfitrião iniciar o *hovasa* (espécie de benzimento) do *kãgui*. Durante alguns minutos, em silêncio, ele se coloca em uma posição para receber os primeiros raios de sol, com delicadeza e concentração, realiza alguns gestos rituais até o sol revelar a sua face sobre o *kãgui*. Com isso, conclui-se a primeira noite de ritual. Todos se recolhem para o descanso.

Faz-se necessário descrever um pouco mais do ritual do primeiro dia: antes do sol se pôr tudo está preparado, de modo que os rostos estão pintados com urucum. Dentro da casa de reza, estão dois tambores de *chicha*, e o espaço e o altar estão prontos para o ritual. Do lado de fora, há um fogo em que as mulheres preparam mandioca cozida, carne e arroz; e os homens exibem seus enfeites e instrumentos rituais. As mulheres estão para preparar a bebida, os alimentos e para assistir à festa.

O caminho da reza é preparado com bastões de madeira de leste a oeste da porta central da casa de reza. Os bastões são fincados no chão por seis pares. No centro, um altar com uma cruz, chamada de *marangatu*. Este terreiro não pode mais ser cruzado por ninguém, somente é permitido o movimento cerimonial. Mulheres, homens e crianças passam longe do caminho. Dentro da casa, os donos da *chicha* e da festa, seu Luís com sua família, começam a cantar e a se movimentarem de leste para oeste, conforme está preparado o caminho da reza.

Na entrada do caminho que dá acesso a casa da festa, duas jovens indígenas esperam os convidados com uma vasilha de tinta vermelha do urucum. Assim, todos que passam são convidados a pintar o rosto. Distante do terreiro, uma família convidada da festa chega cantando, a família do dono da festa sai da casa de reza cantando para receber a família visitante e se encontram no centro do caminho num altar de taquara, *marangatu*. Os dois grupos vão para dentro da casa, cantam e dançam diante do altar interno da casa de reza. Quando chegam os próximos convidados, repete-se tudo novamente. Os convidados da festa não podem chegar de qualquer jeito. O modo certo é chegar cantando. É com o canto e com a dança que se chega para a festa, caso o grupo de família que chegue para a festa não saiba nenhum canto deve chamar alguém que cante para introduzi-lo na festa. Após a chegada e recepção dos convidados na festa, os homens ficam em fila para pronunciar as palavras que os Kaiowá se referem como sagradas.

Lentamente, a reza vai acontecendo entre os pares de bastões de madeira. No centro do terreiro, onde está localizado o *marangatu*, os homens trocam cumprimentos e dançam. Continuam a reza entre os bastões até chegar ao sexto par de bastão. Nesse momento, a reza parece acabada, silenciam-se os cantos e após um momento de descanso continuam a reza.

Nas palavras de Graciela Chamorro,

A reza acaba, mas ainda não foi amarrada a reza. Os homens descansam. As mulheres correm para as laterais da casa. Um novo canto é encaminhado. Os homens cantam o *gueroata*, peça com a qual se “amarra” a reza. O *gueroata* é preciso ritmicamente, quase falado sobre uma mesma nota, e é gutural como reza (CHAMORRO, 1996. p. 11).

Aos poucos, o canto vai cedendo espaço para falas mais espontâneas, vão silenciando as vozes. Todos gritam e os *maracá* são tocados. Os Kaiowá passam a dançar livremente. Neste momento, as mulheres podem participar da dança.

Inicia-se o *Jerosy Puku*, é o canto dança. Por volta das 18 horas, os homens se posicionam em forma de círculos. O rezador e o dono da *chicha*, senhor Luis, iniciam a reza nos tambores de *chicha*. E cada cantor pode servir da bebida. À meia noite, acontece o que os Kaiowá chamam de “viva do milho”, momento em que cantam e caminham em passos duros em volta da *chicha*. A dança é interrompida por gritos de animação. O *Jerosy Puku* acontece por toda a madrugada. Já amanhecendo o dia, todos

bebem da *chicha*. O condutor e celebrante da cerimônia é chamado de *hechakára* já que é aquele que vai ver o rosto da *chicha*. As mulheres se juntam ao grupo e as crianças acordam e iniciam a dança. Ao amanhecer, todos bebem a *chicha* e o espaço vai se tornando vazio.

Do lado de fora da casa de reza, as mulheres servem as comidas feitas por elas, e os homens são servidos primeiro, depois são as crianças e por último as mulheres se servem. A *chicha* volta a ser bebida somente à noite. Segundo o senhor Luis, na presença do dono, o ser do milho, que precisa ser invocado e dançado, vai embora durante o dia, à noite ele volta após ser chamado com a reza e a dança.

Durante o dia, os indígenas descansam, alguns dormem. Os que moram na aldeia Panambizinho vão para suas casas. Já os visitantes de outras aldeias, os parentes ou as pessoas mais velhas permanecem na casa do senhor Luiz. Durante o dia as mulheres fazem comida novamente, conversam, descansam. No período da tarde se arrumam para a festa, colocam seus trajes festivos e pintam o rosto com urucum. Ao anoitecer, inicia-se tudo de novo.

Na segunda noite começa o *guahu*. Mas antes, o seu Luiz, o anfitrião da festa, andando entre os homens dispersos no ambiente interno da casa de reza, ergue um arco e flexa grande e pergunta quem vai cantar o *guahu*. O instrumento passa de mão em mão até chegar àquele que aceita o convite para conduzir o canto. O condutor do canto foi Nailton Aquino e levou os demais homens para o canto. Eles formam um círculo e conduzem uma dança circular. Por algum tempo, os *guahu* são entoados até darem lugar ao *kotyhu*. Momento em que homens, mulheres e crianças começam a ocupar lugar no círculo principal, enquanto outros círculos são rapidamente formados. Eles se ampliam, se contraem e se perpassam. Muita poeira é levantada. A alegria e a descontração do *kotyhu* tomam conta da segunda noite. A partir de então, é a quantidade disponível de *kãgui* que determina por quantas horas e noites ainda haverá festa. Pois enquanto houver *kãgui* há *kotyhu*.

No domingo, muitos vão embora pela manhã, justificando estarem cansados. Um número pequeno de pessoas fica para a noite. E a festa está para terminar.

Nos preparativos e no acontecimento da festa, em conversa informal com alguns indígenas, soube que desde que Deus deu aos Kaiowá o milho saboró, existe a lei de rezar e fazer a dança do milho, para depois consumi-lo. Assim, fica garantida a duração do próprio milho. Por isso, é realizado o ritual do batismo do milho todos os anos, cumprindo essa lei o milho e o mundo continuarão vivos. E se não rezar mais os índios

podem terminar. O rezador Luiz explica que após a colheita do milho novo, ele não pode ser utilizado para nada antes de ser batizado.

Quando os tupã decidiram ir embora da terra recém fundada deixaram o milho para os Kaiowá. Para que não acabe é preciso cantar, rezar e dançar. Ainda compara o milho com uma criança que deve ser incorporada num bom sistema de cuidados. Portanto, temos que abençoá-lo e cantar até que madure. Balbina Aquino esposa de Paulito Aquino, em uma das visitas que fiz em sua casa me disse:

Paulito cantava que o milho é uma criança, ele é plantado quando pequenino, nasce e cresce, é um broto como a gente e quando cresce vai ficando alto. Quando o milho esta na hora de colher seu dono vai embora e o milho fica aqui.

Para dar um sentido maior e uma explicação sobre a importância do batismo do milho talvez seja necessário se voltar aos escritos de Schaden. Segundo ele, a família extensa de Pa'i Chiquito, xamã criador da aldeia Panambizinho, seria uma das poucas a seguir o padrão da organização social Kaiowá, sobre a qual ele produziu uma viva descrição dedicada às "relações econômicas no grupo familiar" e em épocas anteriores já batizavam o milho:

O filho casado e cada um dos genros tem roça em separado, e Chiquinho insiste em dizer que, segundo o costume Kayová, cada família elementar consome o produto de suas plantações. Mas no tempo do djakairápéký, do milho verde, se batizam conjuntamente na casa grande as primícias das roças, não só na parentela, mas de toda a aldeia. Por seu turno, cada uma das famílias elementares da casa de Chiquinho contribui para a chicha e, segundo o sistema Kayová, as visitas que vêm participar da festa são levadas às roças, a fim de se lhes oferecer do que lá existe. Os genros, diz Chiquinho, trabalham nas roças deles, mas o chefe, por sua vez, ajuda nas roças dos genros. Por ocasião de minha última visita à aldeia, em 1950, a roça de Pa'i Chiquinho tinha umas 1.400 mãos de milho (1 mão – 15 atilhos de 4 espigas), a do filho umas 300 e a de cada genro outro tanto. A desproporção decorria menos dos serviços prestados pelos genros do que dos puxirões que o chefe da parentela realizam por ocasião das festas de chicha. Na casa de Pa'i Chiquinho cada casal tem cozinha própria, mas quando uma das famílias elementares tem na panela algo especial – carne de vaca, por exemplo, é costume mandar pedacinhos a todas as outras" (SCHADEN, 1974, p.73).

A realização do batismo do milho novo na aldeia Panambizinho acontece desde a década de 40, juntamente com a criação da aldeia pelo Xamã Pa'i Chiquito Pedro,

mesmo com as roças separadas de cada indígena, a festa sempre foi realizada para o coletivo da aldeia, assim como a ajuda de custo para a realização da festa.

Relato algumas falas e o que pensam os Kaiowá atuais com relação às festas do milho. Nailton Aquino afirma que:

É uma festa ideal para o índio, importante para mostrar para os jovens que já estão virando branco. Tenho dois filhos e não acredita também. Os velhos não podem largar de fazer o ritual. Meu avô Antonio Aquino, levou o conhecimento aos índios. Aprendi metade das músicas, fiquei muito tempo fora da aldeia e não me interessava pelas coisa da minha cultura, quando voltei para a aldeia meu pai me ensinava, aprendi muito com ele e eu gostei da cultura e aprendi e vi importante os rituais.

Nailton demonstra em suas palavras o quanto é significativo este ritual para a vida dos Kaiowá e, ao mesmo tempo, a pouca importância que os jovens têm dado a essa festa. Aponta tristeza em sua fala quando diz do não interesse de seus filhos e dos jovens da aldeia para com o ritual.

Jairo Barbosa (Luiz rezador) o dono da festa e da chicha diz que:

O povo não tem interesse de aprender, é o meu povo, os meninos de oito, dez anos tem medo dessa festa do batismo do milho, o povo de hoje tem vergonha de falar dessa cultura. Não sei como anda as outras etnias, mas a nossa esta assim. Nós não podemos deixar isso acontecer, temos que fazer reunião com as crianças, trabalhar festa na escola. O cacique é o professor da aldeia e se ele morrer vai seguir do jeito que ele falou. Tem preocupação muito, me preocupo com o ritual, quero deixar para pessoas que tem interesse da minha cultura do passado. Vai chegar um momento que eu vou finalizar o meu serviço, como o Pa'i Chiquito, Lauro, Paulito e o ritual vai embora. E a reza do batismo do milho pode ser enterrado com meu corpo. O povo não tem mais influência nessa festa. Essa festa é nosso corpo se nós acabar vai acabar as festas. E só quem pode fazer é quem é batizado na cultura, *Kunumi Pepy*. Nós não temos escrita que comprove a explicação. A história da cultura Kaiowá tinha que ser como uma bíblia e seguir.

O cacique Luis menciona suas preocupações culturais com o povo Kaiowá da aldeia Panambizinho, entre elas o *Kunumi Pepy*. Sem a realização deste ritual, os Kaiowá mais jovens ficam impedidos de realizar o batismo do milho. Para Maciel e Eremites de Oliveira,

Esse ritual religioso acontecia na aldeia Panambizinho entre os Kaiowá. A festa de furação de lábio inferior e da colocação do

tembetá (enfeite labial), característica de verdadeiro homem. É o ritual de iniciação dos meninos à vida de um índio adulto. Para a prática do ritual, os meninos devem estar com idade entre dez e treze anos de idade. É um dos rituais mais importantes e complexos da tradição Kaiowá. Nele aparece muito o zelo e a alta preservação simbólica do grupo. É provável que nunca um não-kaiowá tenha conseguido observar esse ritual, pelo menos integralmente. Essa possibilidade é maior ainda tratando-se de mulheres. Esse ritual era praticado pelo rezador mais velho da aldeia, Paulito Aquino, e tradicionalmente respeitado entre os Kaiowa. Devido o agravamento de sua saúde que finalmente o levou ao falecimento em 2002, o ritual do *Kunumi Pepy* deixou de ser realizado na aldeia Panambizinho (MACIEL & EREMITES DE OLIVEIRA, 2003).

Maria Aquino, filha de Paulito. aponta que

A garantia da continuidade Kaiowá é o milho festejado. Meu pai Paulito Aquino contava para o milho a sua história que escutou do próprio Deus. Ele também cantava e contava a história do milho na festa, ele falava que esta história enfeita as pessoas.

Na fala de Maria Aquino, percebe-se a importância dada a seu pai, Paulito Aquino; grande praticante e realizador dos rituais kaiowá nesta comunidade. Além do ritual do batismo do milho, ela destaca o batismo do Kaiowá, o *Kunumi Pepy*. Esses e outros rituais deixam de ser realizados nesta comunidade a partir do agravamento de sua saúde e futuramente com sua morte.

Nas pesquisas que realizei nesta comunidade para conclusão do mestrado, o senhor Nelson Conciância, capitão da aldeia, expõe sua preocupação com a influência da cultura não-índia na aldeia, principalmente com sobre os mais jovens. De acordo com suas palavras, os Kaiowá deixam de praticar seus rituais para ouvir som ou assistir à tv. Em sua opinião, esses meninos Kaiowá precisam ser batizados. Para isso, pensa em convidar rezadores de outras aldeias para que o ritual do *Kunumi Pepy* aconteça.

Em uma das entrevistas, o senhor João Aquino, filho de Paulito Aquino afirma que:

[...] o ritual do *Kunumi Pepy* vai ficá um poco parado, porque não tem mais niguém; vária coisa tem cerimonia, tem vinte e quatro cerimonia e se não tem vinte e quatro cerimonia não dá pá fazê não, porque fica difício. Agora tem o fio do Lauro, tava quereno fazê, fica como cacique, mas ele véve só bebo, aí ele fica bebo e aí ele vai dá o menino dele pá batizá ele pô arco, ele vai dá. Tô veno que vai acontece e aí a mãe, o pai não vai gostá, né? Vai ficá difício pá continuá, nós chamemo aqui do Jaguari, tem um lá que o chefe, mais

precisa chamá de lá que têm dois cacique e Ataná chamemo tamém e ele falô que não tinha muito cerimonha. Tem que sabê muita música, canto, e quando vai fazê continua fazeno muita música, trinta dia, depois de trinta dia aí vai só chicha, aí chicha qualqué gente vai, então isso nós ficamo triste, triste, nós não acha mais igual. Véio [Paulito] é que sabia fazê; meu pai era sabedoria memo, quando morava lá na Douradina era desse jeito, era sabido né? Pra isso foi preparado, né? Então naquela época eu já era civilizado, chegô colonha eu ficava mais trabainhano pô colono, trabaiava assim, não ficava parado, serviço assim, então mais ou menos um cinco ponto eu perdi pá aprende isso aí, eu sei de tudo alguma coisa, mais dessa coisa não aprendi não, porque fica dificio, quando começa. Ninguém vem, não que aprende, mais tinha muito ali; tem Lauro tem preparo, tinha seis, já queimo tudo agora tem três, tudo do que morre é seguro, filho do Chiquito, queimô, jogô fogo, porque não tá gostano, meu pai só tem um, ta lá na casa reza. Isso aí que nós ficamo triste.

João Aquino relata que não existe nenhum Kaiowá na aldeia preparado para todas as cerimônias do ritual. Afirma ainda que seu pai sabia mesmo. Desde quando morava em Douradina era convidado por Paulito para conduzir o *Kunumi Pepy*. Diz estar muito triste, pois a preocupação dele é parecida com a do capitão Nelson: o ritual precisa acontecer novamente.

Após a transcrição dessas falas, nota-se, enfim, que na aldeia Panambizinho o ritual *Kunumi Pepy* não tem como acontecer sem Paulito Aquino, mas eles ainda o acham importante, significativo e, por isso, podem trazer outro rezador para fazê-lo. Assim, entende-se que é prematuro dizer que os Kaiowá da aldeia Panambizinho perderam de vez o ritual do *Kunumi Pepy*, sobretudo por conta dos contatos mantidos com a sociedade envolvente. Esse ritual ainda pode ser realizado futuramente; mas, para tanto, os Kaiowá do Panambizinho terão de contar com o apoio de rezadores de outras aldeias, como também o apoio interno da comunidade Panambizinho.

As pessoas mais velhas têm grande preocupação com o futuro dos rituais kaiowá da aldeia.

Os rituais religiosos fazem parte da vida dos Kaiowá de forma bastante ampla e ambiciosa, definida ou estabelecida de forma consistente. Dentro dessas concepções, a intenção deste trabalho é promover discussões que envolvam os processos culturais, religiosos e de contato em suas mais variadas manifestações contemporâneas.

É pertinente destacar a importância do ritual do batismo do milho entre os Kaiowá. Para um número significativo de indígenas, a festa não pode acabar. A preocupação maior é por parte dos mais velhos que são batizados e podem realizar o ritual. Nas palavras destes, os não batizados e os mais jovens não dão importância ao

significado do ritual. Como foi citado na fala anterior do seu Luis rezador, quando sua vida terminar pode o ritual da festa do batismo do milho ser enterrado com seu corpo.

A festa do *Avatikyry* marca, enfim, o ciclo de vida entre os Kaiowá, de forma que sua religião é seu próprio modo de ser, fato sobremaneira importante para a organização de sua sociedade. E os Kaiowá retratam este ritual através da palavra.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Fontes Escritas:

CHAMORRO, Graciela. *Arete: As festas ou o tempo verdadeiro dos Guarani*. São Leopoldo. Cadernos do Comim nº 5, 1996.

MACIEL, Nely A.; EREMITES DE OLIVEIRA, Jorge. A cerimônia do Kunumi Pepy entre os Kaiowa da Aldeia Panambizinho. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL SOBRE RELIGIÕES, RELIGIOSIDADES E CULTURA, 1., 2003, Dourados. *Anais...* Mato Grosso do Sul: Universidade Federal, 2003. 1 CD-ROM.

MACIEL, Nely Aparecida. *História dos Kaiowá da Aldeia Panambizinho: da década de 1920 aos dias atuais*. 2005. 155 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Dourados.

SCHADEN, Egon. *Aspectos fundamentais da cultura Guarani*. São Paulo: EDP/EDUSP, 1974. 261p

Fontes Orais:

BALBINA AQUINO (aldeia Panambizinho). Conversa informal. Em 27 de agosto de 2003.

MARIA AQUINO (aldeia Panambizinho). Fita nº. 2. Entrevista e transcrição de Nely Aparecida Maciel. Em de 20 de Març. de 2009.

NAILTON AQUINO (aldeia Panambizinho). Fita nº. 1. Entrevista e transcrição de Nely Aparecida Maciel. Em 19 de Març. de 2009.

JAIRO BARBOSA (aldeia Panambizinho). Fita nº. 2. Entrevista e transcrição de Nely Aparecida Maciel. Em de 20 de Març. de 2009.

JOÃO AQUINO (aldeia Panambizinho). Fita nº 2. Entrevista e transcrição de Nely Aparecida Maciel. Em 27 de agosto de 2003.